**Dr. David Turner, Matthew   
Aula 6B – Mateus 13:24-52: As Parábolas do Reino II**

Saudações, aqui é David Turner, e esta é a Aula 6b do nosso curso de Mateus. Nesta aula, faremos a segunda de uma série de duas sobre o sermão parabólico, as parábolas do reino, em Mateus, capítulo 13. Continuaremos com Mateus 13, versículo 24, onde Jesus conta mais três parábolas.

Primeiro, a parábola do trigo e do joio, ou do joio e do trigo, ou do joio , ou como você quiser chamá-la. A parábola do joio em 13:24-30 será interpretada mais adiante em 13:36 e seguintes, mas um leitor atento já está tirando conclusões provisórias sobre ela devido às suas semelhanças com a parábola do semeador , que Jesus já interpretou. Os temas semelhantes em ambas as parábolas incluem semeadura, semente e resultados mistos.

Como 13:36 e seguintes mostrarão, seria um erro identificar os significados dos respectivos semeadores e sementes nas duas parábolas. E há novos elementos, como o inimigo, o joio, o proprietário da terra, os escravos, a colheita, os ceifeiros, o fogo e o celeiro, que ocorrem nesta parábola, embora tenhamos menção de espinhos na parábola do semeador . Os detalhes desta imagem, particularmente esta nova imagem que encontramos nesta parábola, serão interpretados por Jesus em 13:36 e seguintes, mas o dualismo em desenvolvimento entre o proprietário da terra e seu inimigo, a boa semente, isto é, o trigo, versus o joio, o celeiro e o fogo, já pode ser visto como retratando uma batalha sinistra entre as forças cósmicas do bem e do mal.

Agora, as parábolas do grão de mostarda e do fermento. Há muito debate sobre o significado dessas duas curtas parábolas. A maioria da escola dispensacionalista, pelo menos a tradicional, acredita que as imagens das parábolas pretendem retratar a presença do mal dentro da cristandade professa.

Isso se deve principalmente à compreensão do reino dos céus como um mistério que abrange a cristandade, entendida como cristianismo organizado ou nominal. A cristandade como um todo contém elementos malignos misturados com o bem, de modo que ambas as parábolas são geralmente vistas como uma representação desse mal. Walvoord chega a interpretar os pássaros que fazem ninho na árvore como incrédulos, mas o dispensacionalista também discorda, visto que considera a árvore de mostarda como uma representação positiva do reino.

Tais intérpretes apontam que o fermento às vezes é, na Bíblia, um símbolo do mal, e você pode obter sua concordância e encontrar esses versículos por si mesmo, mas eles citam versículos como Êxodo 12, versículos 15 e 19, Mateus 16:6 e 11 e 12:1; Coríntios 5 :6 a 8, Gálatas 5:9; mas se você comparar Levítico 7:13 e 14 e Levítico 23:17, poderá encontrar passagens onde o fermento é retratado de forma um pouco mais positiva como parte do sistema sacrificial. Como eles acreditam que o fermento é invariavelmente maligno em sua representação na Bíblia, tais estudiosos concluem que esta parábola do fermento retrata o crescimento do mal dentro do cristianismo. Essa visão das parábolas é frequentemente mantida em oposição consciente ao pós-milenismo, que toma as imagens do crescimento do reino nas duas parábolas como indicativas da conversão final do mundo ao cristianismo antes do retorno de Cristo.

Portanto, isso é quase o oposto, uma visão muito pessimista do cristianismo organizado pelos dispensacionalistas, comparada a uma visão mais positiva da vitória final do cristianismo antes da volta de Cristo, defendida pelo pós-milenismo. Há boas razões para discordar da posição dispensacionalista clássica. Primeiro, sua compreensão do reino dos céus como o mistério do mal dentro da cristandade entre os dois adventos de Jesus é duvidosa.

Em vez disso, o reino em Mateus é o governo de Deus inaugurado pelas palavras e obras de Jesus e consumado em Seu retorno. Em segundo lugar, é muito duvidoso que declarações diretas que comparam o reino de Deus ao fermento ou ao grão de mostarda sejam entendidas como uma representação do mal. Afinal, é o crescimento do governo de Deus, não o de Satanás, que está sendo retratado.

Não é necessário presumir que pássaros ou fermento devam ser sempre vistos como malignos, assim como outros símbolos bíblicos, como o leão representando Satanás em um contexto e Jesus em outro. Compare o leão como Satanás em 1 Pedro 5.8 e o leão como Jesus em Apocalipse 5.5. As parábolas do grão de mostarda e do fermento falam do crescimento enganosamente sutil, mas dramaticamente significativo, do reino de Deus. Apesar das frequentes respostas infrutíferas à mensagem do reino, ele produz muitos frutos em muitos casos, 13.23. Até João Batista pode duvidar de seu avanço, mas ele está avançando da mesma forma, 11.1-6. O homem forte está de fato sendo amarrado e seus bens estão sendo saqueados, 12.29. Enquanto os pós-milenistas podem ver o avanço do reino com excesso de otimismo, os dispensacionalistas clássicos veem a era atual com excesso de pessimismo, porque não reconhecem que o reino já foi inaugurado e começou a avançar durante o ministério terreno de Jesus.

Pode parecer insignificante no momento como um grão de mostarda, mas eventualmente se tornará a maior árvore do jardim. Seu crescimento pode ser tão imperceptível quanto a influência do fermento em um pão, mas, no final, será onipresente em toda a Terra. O uso de símbolos humildes como o grão de mostarda e o fermento é apropriado para o humilde servo de Deus que não clama nas ruas, 12:19, e que entra em Jerusalém montado num jumento, não num cavalo de guerra, 21:1 a seguir.

Davies e Allison, em seu comentário, estão corretos ao afirmar que essas parábolas retratam um contraste entre a realidade presente e o destino final do reino. Aquilo que agora é humilde, então será glorioso. A compreensão de que Deus já está agindo e de que há uma unidade entre o final e o presente dará esperança aos discípulos.

Agora passamos para a citação do Salmo 78 na explicação das parábolas que Jesus dá em Mateus 13, versículos 34 e 35. Esses versículos contêm a segunda citação de cumprimento do Antigo Testamento no discurso, a anterior sendo onde nosso Senhor citou Isaías capítulo 6, versículo 9 em 13:14 e 15. O padrão de incredulidade devido à dureza de coração, que ocorreu nos dias de Isaías, era recorrente nos dias de Jesus.

Israel como um todo não acreditou nas advertências de Isaías sobre a iminente invasão, e nem os contemporâneos de Jesus creram em sua mensagem sobre o reino. Compare os versículos 14 e 15 com Isaías 6, 9 e 10. Agora Mateus insere seu próprio comentário sobre o discurso que está narrando, citando o Salmo 78:2 como o padrão que está sendo cumprido por Jesus.

No Salmo 78, Asafe fala da fidelidade de Deus a Israel no passado, apesar do pecado e do julgamento. Para as gerações futuras, observem o Salmo 78, 4: este relato dos atos poderosos de Deus pode parecer segredos ocultos há muito tempo, ocultos desde os tempos antigos, 78, 2, mas, na realidade , são assuntos conhecidos pela geração de Asafe, pois lhes foram contados por seus antepassados. Asafe, por sua vez, transmite esses segredos antigos para a geração seguinte.

Mas, à medida que o salmo se desenrola, lemos uma narrativa da fidelidade de Deus a um povo rebelde e disciplinado, não um discurso misterioso repleto de ditos enigmáticos. Portanto, é um tanto interessante e difícil entender exatamente por que Asafe fala do cuidado histórico de Deus por Israel como segredos ocultos desde os tempos antigos, evidentemente porque a nova geração não entende essas coisas e cabe àqueles que as vivenciaram e ouviram sobre elas manter a verdade viva e transmitir a tradição. Duas questões-chave precisam ser respondidas aqui em relação ao Salmo 78.

A primeira diz respeito ao motivo pelo qual Asafe classificou sua narrativa histórica como parabólica e enigmática em 78:2. Ele fez isso primeiro porque assuntos bem conhecidos por sua própria geração ainda eram segredos antigos para a geração seguinte. Evidentemente, há um pouco de hipérbole poética aqui, mas a questão é clara. O salmo de Asafe também é parabólico no sentido de que sua narração do passado revela o padrão profundo que pode ser discernido a partir dos eventos históricos.

Asafe não se limita a narrar, mas também interpreta a história de Israel como a história da fidelidade de Deus ao seu povo, apesar do pecado e do castigo merecido. Essa fidelidade se manifesta em seus poderosos atos de redenção. Veja o Salmo 78, versículos 4, 7, 11 e 12, 32, 42 e 43.

Com sua interpretação da história de Israel nesse contexto, que enfatiza os poderosos atos de redenção de Deus e sua fidelidade, Asafe revelou a uma nova geração a profunda verdade da graça redentora de Deus. A segunda questão diz respeito ao motivo pelo qual Mateus citou as palavras de Asafe no Salmo 78. À primeira vista, apesar da conexão óbvia da palavra-chave "parábola", Mateus parece estar tirando o salmo do contexto.

Embora se possa admitir que o salmo não seja uma predição de Jesus, a inclinação de Mateus pela tipologia e sua descoberta de padrões na história do Antigo Testamento que são preenchidos com significado supremo por Jesus são bem conhecidas. Que a visão de Mateus sobre o Antigo Testamento é frequentemente tipológica é visto logo no início da narrativa da infância, em Mateus 1 e 2. Assim, Mateus encontra nas palavras de Asafe um precedente que fornece um padrão que Jesus cumpre, assim como Asafe profere profundezas para uma nova geração, assim Jesus revela os segredos supremos do reino dos céus à sua própria geração.

Observe 13:11 e compare 12:39 e 41:42. Assim como Asafe discerne o padrão da fidelidade de Deus ao seu povo, que se sobrepõe à desobediência e à sua disciplina, as parábolas de Jesus apresentam aos seus discípulos o padrão da recepção e rejeição do reino em crescimento até o julgamento e a recompensa final. Observe 13:19 e 39 a 43.

Assim como a reflexão de Asafe sobre os tempos antigos revelou a verdade para uma nova geração, as parábolas de Jesus equipam seus discípulos a extrair do seu tesouro coisas novas e antigas em seus ensinamentos, 13:51 e 52. O que era novo nos dias de Asafe agora faz parte do que é antigo no tesouro dos discípulos. Mas o que aprenderam com Jesus permanecerá novo quando ensinarem todas as nações, como Ele está com elas até o fim dos tempos, 28:19 e 20.

O comentário de Carson é bom neste ponto específico, caso você queira aprofundar a discussão. Agora, vamos para os versículos 36 a 43, onde Jesus explica a parábola do joio e do trigo. A interpretação de Jesus da sua segunda parábola tem um tom mais dualista e escatológico do que a primeira.

Em vez de falar em termos gerais sobre pessoas sob o disfarce de solos que dão frutos e aqueles que não dão, como na parábola anterior do semeador , a segunda parábola enfatiza em termos vívidos os destinos dos dois grupos. As qualidades éticas contrastantes, literalmente ilegalidade versus justiça, que levam a esses dois destinos opostos, também são destacadas nos versículos 41 a 43. Há também um claro contraste entre os respectivos papéis de Jesus no versículo 37 e do diabo nos versículos 38 e 39.

As figuras principais por trás da luta cósmica, por trás das pessoas, éticas e destinos contrastantes encontrados na parábola são Jesus e Satanás. A imagem de Jesus como o semeador da boa semente, o povo do reino, é especialmente notável, pois é uma maneira pitoresca de expressar o que Jesus declarou anteriormente. Ele é o único revelador do Pai, 11:27 .

Mas o inimigo, Satanás, como lobos que se vestem de ovelhas (7:15), também semeia, e o joio resultante é difícil de distinguir do trigo. Portanto, como muitos já disseram, Satanás é o grande imitador. A narrativa de Mateus frequentemente enfatiza o fim dos tempos e o julgamento de Kovalo .

João Batista fala disso em linguagem vívida, que antecipa as palavras de Jesus nesta passagem. Mateus fala de si mesmo como o juiz escatológico no Sermão da Montanha, 7:22 e 7:23. E ali ele enfatiza a bem-aventurança do futuro reino na Terra como recompensa pelo discipulado fiel.

Observe o capítulo 5, versículos 3, 5, 10, e o capítulo 6, versículo 10, e o capítulo 7, versículo 21. Inesperadamente, muitos gentios compartilharão do banquete escatológico com os patriarcas, 8, 11 e 12. Confessar Jesus e ajudar seus mensageiros resultará em recompensa, capítulo 10, versículos 32 e 33, bem como versículos 41 e 42.

O perigo das cidades que não creram em Jesus será pior do que o das cidades notórias do Antigo Testamento quando o julgamento vier (capítulo 11, versículos 22 e 24, e capítulo 12, versículo 41). Aqueles que caluniam o Espírito Santo jamais serão perdoados, mesmo no mundo vindouro (12:32). Com todas essas passagens de julgamento como pano de fundo, o leitor de Mateus não deve se surpreender com este retrato vívido do fim dos tempos na parábola do joio e do trigo.

É claro que há muitos ensinamentos adicionais sobre esse assunto no restante do Evangelho de Mateus. Portanto, se você quiser analisar algumas passagens sobre julgamento, considere 13:49, 16:27, 17:11, 18:8 e 9:19, 27 a 30, 22:1 a 13 e 30 a 32, Mateus 24 e 25, 26:29, 26:64 e, finalmente, 28:20, que implica que haverá um julgamento no fim dos tempos. Portanto, a ênfase aqui no capítulo 13 sobre o julgamento traz à tona algumas implicações que já foram dadas e leva a mais ensinamentos sobre o julgamento futuro no restante deste Evangelho.

Vale também mencionar aqui que esta parábola não deve ser citada como apoio a uma atitude descuidada por parte dos cristãos em relação à disciplina eclesiástica. Sem dúvida, existem falsos discípulos na igreja, e é conveniente considerá-los como o joio e o trigo. Mas observe que Jesus diz no versículo 38 que o campo é o mundo, não a igreja.

Portanto, assumirmos o campo como a igreja, com o bem e o mal em si, é um erro, porque, na verdade, a imagem é a imagem da igreja como a boa semente no mundo, que é a semente má, de acordo com Mateus 13:38. Isso sublinha o eventual ministério global da igreja em Mateus 24:14 e 28:19. Outros textos em Mateus deixam claro que Deus não encara o pecado de cristãos professos de forma leviana.

Passagens como 7:21-23 e 18:15-17, 18:21 seguindo a parábola ali, e 22:11-14. Portanto, é importante que, em Mateus, os cristãos sejam pessoas piedosas, em crescimento e justas. Não perfeitas, mas em crescimento.

E para nós, olharmos para este texto em 13:38, desculpe-me, olhar para a parábola como se ela estivesse ensinando que é inevitável que tenhamos muita maldade na igreja é um erro. Não é fácil manter uma igreja pura, mas é obrigatório para aqueles que levam a sério o chamado de Jesus ao discipulado. E agora as mais três parábolas que Jesus conta após esta explicação da parábola do joio.

Vejamos agora 13:44-50, a parábola do tesouro escondido, da pérola e da rede de pesca. Este par de parábolas semelhantes, o tesouro escondido e a pérola, descreve a busca sacrificial por um objetivo único, seja o tesouro escondido ou a pérola. Observe como essas duas parábolas são semelhantes à parábola do grão de mostarda e do fermento, no final da primeira metade do discurso.

Embora alguns interpretem ambas as parábolas como imagens da redenção da igreja por Deus por meio de Jesus, vendo Jesus como aquele que compra o campo contendo o tesouro escondido e como aquele que compra a pérola, isso tende a negligenciar o contexto e a atribuir a teologia paulina a Mateus. Embora Mateus fale de Jesus como um resgate por muitos em 20:28 e também observe 26:28, há outra abordagem que se encaixa melhor no contexto. Ao longo de Mateus 13, Jesus tem falado parabolicamente sobre a resposta mista às palavras e ações do seu reino.

É possível identificar reações positivas ao reino, bem como reações negativas. Quanto às reações positivas na parábola do semeador , havia a boa terra que produzia frutos, 13:8 e 23. Os segredos do reino são revelados aos discípulos, 13:11.

A parábola do trigo e do joio fala do futuro glorioso dos justos como boa semente recolhida num celeiro, 13:43, e isso é reforçado pela parábola da rede de pesca, 13:48. As parábolas do grão de mostarda e do fermento falam do crescimento quase imperceptível do reino, da insignificância à grandeza. À luz de tudo isso, parece provável que as parábolas aqui se encaixem nesse mesmo padrão de resposta positiva ao reino.

O reino é então retratado como um tesouro escondido e uma pérola valiosa, e é perseguido por homens que vendem tudo o que têm para ganhá-lo. Certamente isso se encaixa na imagem de discipulado que encontramos em Mateus. Os primeiros discípulos de Jesus deixam suas famílias e seus equipamentos de pesca, curiosamente, para seguir Jesus em Mateus 4, versículos 20 e 22, em comparação com 9:9. Seguir Jesus implica o sacrifício de perder a vida por Jesus e, assim, encontrá-la, paradoxalmente, 16:25 e 26.

O jovem rico se recusa a vender tudo o que possui para seguir Jesus, 19:21 e 22, mas todos os que fizerem tal sacrifício serão ricamente recompensados, 19:27 a 29. Assim, essas parábolas apresentam tanto o sacrifício necessário para seguir Jesus quanto a alegria dos discípulos quando o seguem, 13:44, em comparação com 10 e 28:8, e também uma visão temporária de alegria em 13:20. A alegria está na posse atual do reino, bem como em suas recompensas futuras.

Apesar da atração da riqueza no presente, 13:22, e das muitas distrações da vida neste mundo, milhões continuam a seguir Jesus com sacrifício, a um grande custo nesta vida, mas com maiores perspectivas para o futuro. O próprio Jesus disse isso em Mateus 5, versículo 3: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. A parábola da rede de pesca.

A mensagem da parábola da rede de pesca é obviamente semelhante à da parábola do joio, mas entre as diferenças entre as duas está a presença de peixes de todos os tipos nesta parábola, em oposição a apenas dois tipos de plantas, trigo e sementes, na anterior. Talvez este seja um lembrete sutil da universalidade da missão do reino, que é ordenada a todas as nações em 28:20. A rede não discrimina ao coletar os peixes, e os discípulos do reino também não deveriam discriminar ao pescar pessoas, 4:19, 22:9 e 10.

Este é o tipo de situação em que deveríamos reconsiderar a filosofia de crescimento da igreja, que às vezes tenta atingir grupos demográficos e torná-los o único indicador do objetivo missionário, de uma forma que tende a, sabe, sempre transferir as igrejas para os subúrbios, em vez de permanecerem na cidade ou no centro da cidade, ministrando às pessoas onde elas estão. Certamente, ao olharmos ao redor do mundo, há joio e há trigo. Em última análise, existem dois tipos de pessoas: aquelas que, pela graça de Deus, creem em Jesus e aquelas que continuam em seu pecado.

Mas, do ponto de vista da parábola da rede de pesca, há todos os tipos de peixes por aí, e precisamos coletar, semear e pregar o evangelho a todas as nações, deixando nas mãos de Deus quem finalmente se converterá e crerá em Jesus. Agora, finalmente, a última parábola deste evangelho, uma passagem que alguns nem sequer veem necessariamente como uma parábola, 1351 e 52, a parábola do dono da casa. Vocês se lembrarão, espero, de uma palestra anterior, da fórmula introdutória parabólica em 1352.

Portanto, todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é como um chefe de família. E a afirmação de que o escriba que se tornou discípulo é como um chefe de família é a clássica introdução parabólica que já vimos diversas vezes neste Evangelho. Portanto, é correto considerar a parábola do dono da casa nos versículos 51 e 52 como uma parábola, porque ela tem a mesma fórmula.

O fato de ser curto não deveria nos incomodar, pois já vimos pelo menos quatro parábolas curtas em dois pares. A parábola do fermento e do grão de mostarda na primeira metade do discurso, e a parábola do tesouro escondido na pérola na segunda metade. Portanto, isso me parece indicar que qualquer análise de Mateus 13, que não perceba oito parábolas em dois conjuntos de quatro, quatro para as multidões na primeira metade do capítulo, quatro para os discípulos na segunda metade do capítulo, precisa repensar as coisas.

Portanto, fica claro em Mateus, capítulos 11 a 13, que muitos dos ouvintes de Jesus, na multidão, não entendem a mensagem do Reino. A animosidade dos líderes religiosos judeus em relação a Jesus e sua mensagem está se tornando potencialmente letal. Até mesmo os discípulos de Jesus demoram a entender o que tudo isso significa, Mateus 13:10 e 13:36.

Jesus tem ensinado por meio de suas parábolas que o reino terá uma recepção mista até o fim dos tempos. O crescimento do reino será real, embora imperceptível, e seu início humilde eventualmente levará a uma entidade substancial. O sacrifício necessário para entrar nele é grande, mas aqueles que abandonarem tudo para seguir Jesus serão grandemente recompensados.

Mas tudo isso foi afirmado de forma parabólica e, portanto, misteriosa, até mesmo enigmática. E embora três das parábolas tenham sido interpretadas, não é certo que os discípulos tenham compreendido. Então, Jesus lhes faz essa pergunta, e eles respondem afirmativamente.

As parábolas evidentemente têm sido um meio eficaz de comunicação para aqueles a quem foi dado compreender os segredos do reino, 13:11. Como afirmam compreender seus ensinamentos parabólicos, ele conclui o terceiro discurso com mais uma parábola. Como um aparte, precisamos comparar sua alegação de compreensão com algo que acontece um pouco mais tarde, em 1515, onde fica bem claro que eles não entendem.

E ao seguirmos esta parte da narrativa de Mateus, encontraremos repetidamente Jesus ministrando aos discípulos e tentando ajudá-los a compreender. Então, quando eles dizem aqui que entendem, Jesus, tenho certeza, está levando isso com a proverbial dose de ceticismo. Assim, Jesus conclui o terceiro discurso com mais uma parábola.

Desta vez, é curta. É mais uma comparação , na verdade, do que uma história. E, como os dois pares anteriores de parábolas curtas, não é interpretada.

Veja 13:31 a 33 e 13:44 a 46. É um pouco surpreendente que Jesus se refira a seus discípulos como escribas ou mestres da lei religiosa, como a Nova Tradução Viva faz, visto que os escribas estão consistentemente entre os inimigos de Jesus em Mateus. Mas, em sua capacidade de ensino, eles atuarão na comunidade judaica cristã de Mateus assim como os escribas atuaram na comunidade judaica em geral.

Veja o capítulo 23, versículo 34, para outra referência aos escribas cristãos. O papel dos discípulos aqui é comparado ao de um proprietário que utiliza tesouros novos e antigos para administrar sua casa. Parece que a referência a coisas novas e antigas deve ser entendida à luz do ensinamento de Jesus de que ele não veio para anular, mas para cumprir a lei e os profetas, ensinamento básico que remonta a 5:17.

Assim, as escrituras pré-cristãs de Israel não são antigas no sentido de decrépitas, ultrapassadas, antigas ou obsoletas, visto que ainda fazem parte dos recursos do escriba do reino. Mas as coisas novas, os ensinamentos definitivos de Jesus sobre o reino, devem ser usados primeiro como os recursos primários dos escribas. Mateus dá grande importância aos ensinamentos de Jesus, apresentando-os em seus cinco discursos principais: 5 a 7, o Sermão da Montanha, 10, o Sermão da Missão, 13, as Parábolas do Reino, 18, os Valores Espirituais do Reino, e 24 e 25, o Discurso Escatológico.

Portanto, Mateus está enfatizando o ensinamento de Jesus de uma forma que reforça o que ele diz em Mateus 13:52, que o escriba do reino trará do seu tesouro coisas novas e velhas. Certamente, as coisas novas estão, em última análise, envolvidas, por assim dizer, no ensinamento de Jesus. O Evangelho de Mateus conclui com o mandamento de Jesus de que todas as nações sejam discipuladas e que os discípulos aprendam tudo o que Jesus ordenou.

Os escribas do Reino devem agora administrar a casa de Deus com os recursos que Jesus fornece, seus novos ensinamentos definitivos sobre a inauguração escatológica do reinado de Deus, que cumprem as antigas escrituras de Israel. Hagner expressa isso muito bem em seu comentário quando diz: os cristãos devem representar um cristianismo que abranja ambos os Testamentos. É claro que precisamos lembrar, quando olhamos para nossas Bíblias, que muitas vezes passamos tanto tempo no Novo Testamento que as páginas ali estão gastas e caindo, mas se voltarmos ao Antigo Testamento com muita frequência, encontraremos as páginas em branco e novinhas em folha, provavelmente nunca lidas antes.

Isso é triste, e é algo que precisamos corrigir e interpretar as palavras de Jesus aqui como uma indicação de que, se não compreendermos bem a antiga revelação, será muito difícil compreendermos a nova revelação, que a cumpre. Devemos entender que a superestrutura do Novo Testamento está assentada sobre o fundamento do Antigo.